

Remessas de migrantes amortecem choques na renda

Kimberly Beaton, Luis Catão e Zsoka Koczan

27 de fevereiro de 2018



Western Union, Singapura. Em 2015, migrantes enviaram para seus países de origem US\$ 441 bilhões — quase três vezes o valor total da assistência oficial para o desenvolvimento (foto: iStock by GettyImages).

Em todo o mundo, 250 milhões de pessoas, ou 3% da população mundial, vivem fora do país onde nasceram. Muitos desses migrantes mantêm fortes laços com seus países de origem e enviam parte da sua renda para suas famílias. Em 2015, os migrantes enviaram para seus países de origem US\$ 441 bilhões — quase três vezes o valor total da assistência oficial para o desenvolvimento.

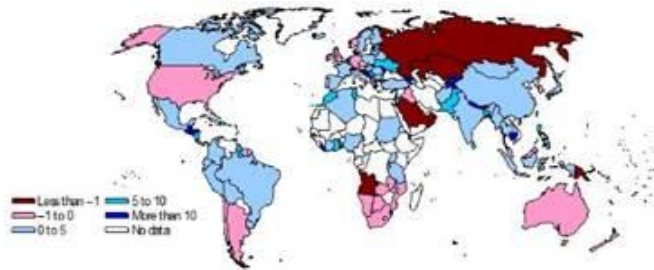
Cerca de 45% dessas remessas saem de economias avançadas com destino a economias emergentes e em desenvolvimento. Esses recursos podem ser um importante mecanismo para compartilhar os riscos para a renda em escala global. Em outras palavras, se uma família em um país em desenvolvimento perde parte de sua renda,

o aumento das remessas de parentes que vivem no exterior pode ajudar a compensar essa perda.

De onde vem e para onde vai o dinheiro

Fluxos líquidos de remessas em 2015 como parcela da produção econômica nacional.

(unidades em porcentagem)



Fontes: FMI, base de dados do *World Economic Outlook*; Banco Mundial, base de dados *Migration and Remittances*; e cálculos do corpo técnico do FMI.

Nota: Nos países em rosa e vermelho, os fluxos de saída superam os de entrada. Já os países em azul claro e escuro receberam mais em remessas do que enviaram. A tonalidade de vermelho ou azul indica a participação das remessas na produção econômica nacional.



Compartilhamento limitado do risco por meio da integração financeira

Em muitos países em desenvolvimento e de mercados emergentes, as remessas de migrantes no exterior ajudam as famílias a manter o nível de gastos quando a economia atravessa uma fase ruim e a renda diminui. Em princípio, a integração ao sistema financeiro mundial poderia ajudar a suavizar o efeito dos choques na renda sobre o consumo das famílias, mediante a captação e a concessão de empréstimos nos mercados de capitais. Os países poderiam captar mais empréstimos quando a renda caísse temporariamente.

Contudo, não raro os países mais pobres estão pouco integrados aos mercados internacionais e não podem depender deles para ajudar a suavizar o consumo. Nosso estudo no relatório sobre as Perspectivas Econômicas Mundiais de outubro de 2017 (Box 1.5) calcula até que ponto e em quais circunstâncias as remessas podem cumprir esse papel e analisa quais as características dos países em que isso ocorre.

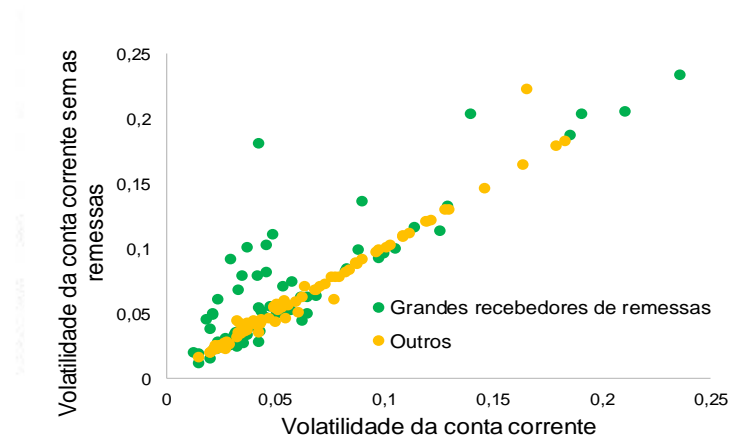
Esses fluxos de dinheiro são particularmente importantes porque os beneficiários nos países em desenvolvimento muitas vezes não têm conta bancária nem acesso a crédito. Tomemos como exemplo um cafeicultor na Etiópia. Quando os preços do café caem, a

sua renda diminui. Não é fácil para esse agricultor tomar um empréstimo para compensar a diminuição da renda. Um agricultor na Itália, por outro lado, poderia usar um cartão de crédito.

O que importa diretamente para o bem-estar social é o quanto se consegue estabilizar o consumo doméstico após choques na renda interna. Uma primeira tentativa de determinar se as remessas ajudam a estabilizar o consumo interno é verificar se elas são uma fonte estável de renda.

Uma fonte estável de renda

O dinheiro dos migrantes é uma fonte estável de renda para os países de origem onde as pessoas recebem os recursos.



Fontes: Banco Mundial, base de dados *Migration and Remittances*; e cálculos do corpo técnico do FMI.

Nota: A figura mostra que a conta corrente dos países que recebem grandes volumes de remessas são menos voláteis do que a conta corrente dos países sem remessas significativas. A volatilidade se refere ao desvio padrão.



Os dados mostram que as remessas são, de fato, o componente menos volátil dos fluxos de entrada do balanço de pagamentos. Analisamos a conta corrente de cada país, ou a soma da balança comercial e da renda líquida do exterior, incluídas as remessas. A volatilidade da conta corrente é consideravelmente menor nos países que recebem um volume elevado de remessas líquidas do que nos países sem remessas significativas.

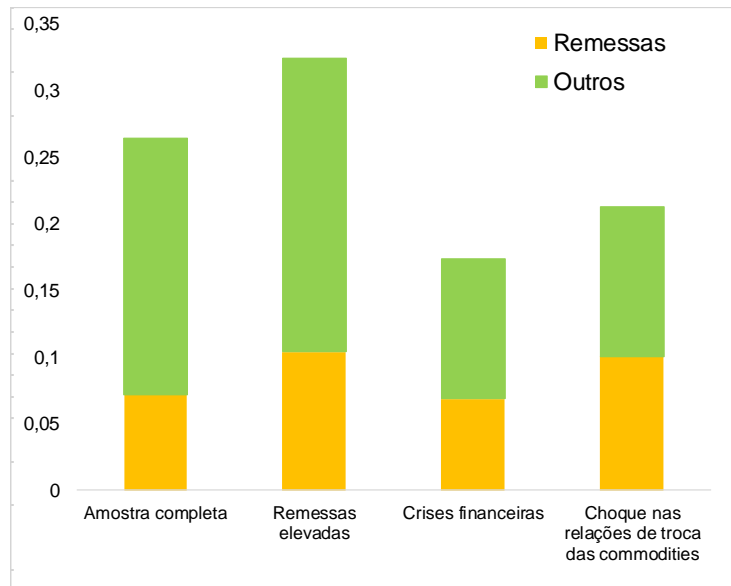
As remessas facilitam a suavização do consumo

Nosso estudo confirma que as remessas facilitam a suavização do consumo. Primeiro, calculamos com que eficácia cada país consegue atenuar o impacto que os choques na renda produzem no consumo ou suavizar o consumo. Em um amplo conjunto de países, estimamos que cerca de 30% da variação da renda não se reflete no consumo ou é suavizada, o que seria compatível com um compartilhamento parcial do risco. Ou seja, para cada dólar extra de renda perdida no país de origem, o consumo cai apenas 70 centavos por causa da suavização do consumo. As remessas respondem por aproximadamente 27% da suavização da variação da renda. Essa estimativa é válida quer um país receba um volume alto ou baixo de remessas, quer a integração financeira do país seja maior ou menor.

As remessas e o compartilhamento do risco para o consumo

Nos países com remessas superiores à mediana mundial, o dinheiro enviado para o país de origem pelos trabalhadores migrantes cumpre um papel maior no compartilhamento do risco para o consumo.

(parcela do total do risco compartilhado)



Fonte: Cálculos do corpo técnico do FMI.



Este efeito de suavização pode ser um pouco maior como proporção do componente suavizado total durante grandes crises financeiras em cada país. O efeito de suavização do consumo também é mais pronunciado nos países exportadores de commodities, sobretudo em períodos de baixa dos preços desses produtos.

As remessas podem ser úteis

Assim, a lição é que as remessas, ou o dinheiro que os trabalhadores no exterior enviam para seu país de origem, funcionam como uma apólice de seguro mundial contra choques econômicos. Medidas que promovam as remessas, preservem as relações bancárias correspondentes e reduzam o custo das remessas podem aumentar de forma significativa o compartilhamento de riscos em todo o mundo, melhorando a situação de todos.



Kimberly Beaton é economista do Departamento do Hemisfério Ocidental do FMI, onde faz parte da equipe do Panamá. Anteriormente, foi Assessora Sênior do Diretor Executivo para o Canadá, Irlanda e Caribe. Antes de ingressar no FMI, foi economista do Banco do Canadá. Tem mestrado em Economia pela Queen's University do Canadá.



Zsoka Koczan é economista da Divisão de Estudos Econômicos Internacionais do Departamento de Estudos do FMI. Anteriormente, trabalhou no Departamento da Europa do FMI. Antes de ingressar no FMI em 2013, trabalhou no Banco Europeu de Reconstrução e Desenvolvimento. Seus estudos têm como temas a microeconomia aplicada, a desigualdade e a migração. Tem doutorado pela Universidade de Cambridge.